

ANTÓNIO V. BENTO
(org)



A ESCOLA EM TEMPO DE CRISE

OPORTUNIDADES E CONSTRANGIMENTOS

1ª Edição 2012



UNIVERSIDADE da MADEIRA
www.uma.pt

CIE-UMa

Centro de Investigação em Educação
www.uma.pt/cie-uma

Título

A escola em tempo de crise: Oportunidades e constrangimentos

Organizador

António V. Bento

Edição

Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa

Design Gráfico

Énio Freitas

Impressão e Acabamento

João Duarte, Unipessoal, Lda

Tiragem

200 Exemplares

ISBN

978-989-97490-2-3

Depósito Legal

344631/12

© CIE-UMa 2012

www.uma.pt/cie-uma

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

PEST-OE/CED/UI4083/2011

A UTILIZAÇÃO DA INTERNET COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Fernando Correia

Centro de Investigação em Educação

Universidade da Madeira

O USO DA INTERNET PELOS ESTUDANTES

A escola como nós a conhecemos é um organismo em crise há já várias décadas. Vários são os fatores que reconhecemos como determinantes nesta crise pedagógica, que provoca um afastamento cada vez maior dos alunos da escola, local onde cada vez menos estes se reconhecem pelas metodologias retrógradas, centradas no professor, no ensino e nos conteúdos. Esta situação foi agravada com o aparecimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) com especial destaque para a Internet. Como nos lembram constantemente, as Tecnologias de Informação (TI) estão a transformar não só a maneira como vivemos as nossas vidas, mas também a maneira como funciona a economia.

A consequência lexicográfica desta revolução económica e tecnológica é o “e” que começou a tornar-se um prefixo para cada vez mais e mais palavras, sinalizando o alargamento das tecnologias de informação a uma imensidão de aspetos das nossas vidas: “e-learning” (aprendizagem pelo uso de meios eletrónicos)¹³, “e-comércio” (comércio eletrónico), “e-negócios” (e-business) entre outros, tendo entrado rapidamente na linguagem comum tornando-se o suporte de tudo, desde novos negócios a cursos de graduação.

As TI transformaram, claramente, as capacidades e rapidamente se difundiram provocando impacto sobre quase todas as facetas da sociedade. Analisarei as implicações sociais, culturais e pedagógicas da informatização da educação.

AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO

Em primeiro lugar, aproximadamente 35 milhões de pessoas aprenderam já a usar o computador sem a ajuda da instrução escolar. Se as escolas nada fizerem, a maioria

¹³ Segundo a Wikipédia, acedida a 12 de abril de 2010 “O termo e-Learning corresponde a um modelo de ensino não presencial suportado por tecnologia.”

da população saberá usar computadores nos próximos dez anos, tal como a maioria da população aprendeu a conduzir sem instrução escolar. Em segundo lugar, aquilo que precisamos saber sobre carros – tal como o que precisamos de saber sobre os computadores, a televisão e outras tecnologias importantes – não é tanto como usá-los, mas de que modo estes nos usam a nós. (Postman, 2002, p. 61).

A dinâmica da transformação das TI chegou ao setor da educação ocidental com ardor particular, tínhamos, finalmente, a década das Tecnologias de Informação conduzindo à mudança. Chavões como “aprendizagem interativa”, “redes de aprendizagem”, “universidade virtual”, “sala de aula eletrônica” e “escritório sem papel” têm-se tornado quase clichés. Mais concretamente, o PC, o e-mail e, cada vez mais, a Internet tornaram-se ferramentas essenciais para académicos, administradores e estudantes. As TI e as suas variadas aplicações mudaram muito o Ensino Superior, para além de que o reconhecimento da sua importância pode ser visto nas mais variadas situações. Uma indicação importante da natureza das mudanças recentes é que, através delas, o Ensino Superior alcançou uma quase perfeita convergência com o setor empresarial. Existem universidades que já oferecem “e-business” como tema do currículo e como uma forma de oferecer a comercialização da educação.

Como ferramenta pedagógica, a Internet tem uma história relativamente longa, na verdade a educação e partilha de informação foi a base da sua criação e desenvolvimento. Já em 1994, e um pouco antes da generalização da Internet, ela foi referida por Jill Ellsworth como sendo “... o maior reservatório de conhecimentos que já conheci neste planeta, onde os estudantes são capazes de desenvolver a pesquisa mais sofisticada e estratégias de recuperação” (p. 6). Ellsworth é inequívoca sobre o valor social e educacional da Internet. Com efeito, na medida em que o processo de aprendizagem ocorre, “... a Net é o futuro”. Acrescenta, ainda, que

... os estudantes gravitam na Net como em nunca nada antes nas suas vidas. Enquanto a Net é pouco provável que substitua completamente o atletismo e/ou as aulas de música, para alguns alunos é a melhor oportunidade de todos os tempos ao seu dispor. As crianças percebem logo que as suas recompensas na internet são proporcionais ao seu investimento na aprendizagem de habilidades on-line, e estão disponíveis para aprender tudo o mais por isso... Tanto os professores

como os alunos podem ser revigorados pela frescura e o imediatismo da Internet. (Ellsworth, 1994, p. 5)

... students gravitate to the Net like nothing before in their lives. While the Net is unlikely to completely replace athletics and/or music lessons, for some students it is the best opportunity ever made available to them. The children soon realise that their rewards on the Internet will be in proportion to their investment in learning Net skills, and learn all the more for it ... Both teachers and students can be invigorated by the freshness and immediacy of the Net. (Ellsworth, 1994, p. 5)

Num sentido mais abstrato, argumenta, também, que a Internet vai ajudar os alunos a tornarem-se “cidadãos preparados”.

A Sociedade da Informação é um novo ambiente humano onde o conhecimento, a sua criação e propagação são os elementos definidores da relação entre os indivíduos e as comunidades a que pertencem, ou seja, a informação é apenas o elemento disparador do processo, a comunicação é a cola que ajuda a relação entre os indivíduos e o conhecimento é o vetor estratégico para gerar valor agregado à informação e melhorar a inteligência humana.

É indiscutível que a sociedade contemporânea é caracterizada por privilegiar o conhecimento como um meio de poder e, portanto, requer que as pessoas aprendam a usar a natureza e as suas leis para processar as informações de forma inteligente, um elemento-chave da sua sobrevivência e do seu desenvolvimento.

As propostas teóricas mencionadas anteriormente exigem um processo de aprendizagem dos envolvidos na construção da sociedade do conhecimento, do Ensino Básico ao Ensino Superior, que deverá oferecer a tecnologia e promover o treino necessário para a manusear.

O Ensino Superior e a gestão do conhecimento.

Num sistema universitário, a transferência de conhecimento faz-se, sobretudo, através do ensino. A geração de conhecimento está associada com a investigação, que é organizada de modo a que possa estar disponível para transformar o ambiente ou resolver um problema do mesmo. A codificação, o armazenamento e a acessibilidade do conhecimento ocorre,

geralmente, dentro de uma biblioteca universitária, ou depende da existência de uma necessidade de usá-lo para gerar outros conhecimentos, adquirir e transferir para novas situações ou pessoas dispostas a fazer algo para ter acesso ao conhecimento armazenado.

Então, podemos chamar de gestão do conhecimento ao processo caracterizado por uma contínua transformação de dados em informação e de informação em conhecimento e de conhecimento em inteligência, na qual se planeia uma série de ações para conduzir a um processo de encontrar soluções. Portanto, qualquer organização do Ensino Superior é um sistema que usa o conhecimento para produzir conhecimento, processá-lo e transferi-lo para um determinado contexto social. A tecnologia é o fio condutor da gestão do conhecimento, pois permite o seu tratamento e posterior divulgação.

Por conseguinte, é necessário compreender onde se insere o Ensino Superior hoje e onde se inserirá no futuro.

Desde alguns anos que os governos e as universidades têm os seus projetos de integração na sociedade do conhecimento, que têm passado pela criação de redes *wireless*, colocação de computadores de livre acesso em locais estratégicos, como salas de estudo e bibliotecas, criação de acervos digitais de teses, e outros documentos até à informatização de quase todas as relações entre as várias unidades e serviços. Hoje, todos os aspetos burocráticos da vida académica tratam-se online, assim como muitos de natureza pedagógica, como alguns aspetos da avaliação.

No entanto, e como já foi mencionado anteriormente, a tecnologia por si só não garante uma utilização eficiente dos diversos recursos académicos disponíveis na Internet pelos estudantes universitários, é essencial que as instituições de Ensino Superior promovam o seu uso como um processo de aprendizagem. De acordo com esses requisitos faço uma análise temática às diferentes tendências do uso da Internet no processo educativo.

Há várias teorias, já referidas nos capítulos anteriores, que tentam explicar as questões do acesso ao conhecimento e sobre a aquisição de competências e habilidades, bem como a fundamentação e conceitos relacionados com a Internet.

Na perspetiva construtivista, a Internet pode ser vista como uma das ferramentas para a conceção de ambientes educacionais. A aprendizagem não significa a substituição de um conhecimento prévio, mas sim a transformação do conhecimento existente através da acumulação de novos conhecimentos. A teoria construtivista implica a experiência do passado,

dando especial relevo ao erro como base da aprendizagem. A liberdade responsável deve ser o princípio norteador porque o aluno assume, em coordenação com o seu tutor, os objetivos e o planeamento educacional, elemento essencial no uso da Internet.

A Internet apresenta características de um ambiente de aprendizagem construtivo, pois permite a entrada em jogo dos princípios da igualdade, da justiça e da democracia entre os estudantes. É um sistema aberto impulsionado pelo interesse, iniciado pelo aluno, e intelectualmente e conceptualmente provocador.

A partir da perspetiva teórica de Vygotsky, a aprendizagem é um fenómeno social, portanto, a aquisição de conhecimento é o resultado da interação de pessoas que participam de um diálogo, ou seja, é um processo dialético no qual um indivíduo confronta o seu ponto de vista com o do outro para chegar a um acordo. A Internet adere à premissa vygotskiana da interação entre as pessoas que contribuem com diferentes níveis de experiência, funcionando esta como intermediário, é um ambiente que pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual os estudantes criam um espaço virtual de desenvolvimento.

Decorrente da perspetiva de Vygotsky, surge, mais recentemente, o conceito de conhecimento situado. Segundo esta teoria, o ambiente da Internet responde aos pressupostos do conhecimento situado, pelo menos em duas das suas características: o realismo e a complexidade. Por um lado, a Internet permite o intercâmbio real entre utilizadores de diferentes origens culturais, mas com interesses semelhantes, por outro, incentiva a aprendizagem cooperativa através de projetos e resolução de problemas de todos os tipos de pessoas: colegas, alunos, professores e especialistas. Permite o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, seleção e organização de informações, para além de abordagens interdisciplinares e interculturais.

Internet como um processo cognitivo da aprendizagem

A inteligência representativa das operações concretas é a que permite lembrar seqüências de imagens. É devido a isso que podemos recordar as partes de um filme que vimos há muito tempo e saber, também, o que vem a seguir. Esta capacidade de recordar imagens é aproveitada pelos ícones exibidos na tela do computador que representam objetos ou processos. As “janelas” são os locais onde a ação se desenrola que, tratada iconograficamente, aproveita a capacidade do sistema visual para, de algum modo, subliminar até cerca de cem eventos gráficos em simultâneo.

Por fim, a inteligência simbólica, ou das operações formais, é a que nos permite estabelecer relações entre eventos, mas que elas não sejam óbvias. Ou seja, a capacidade de deduzir e induzir os resultados de um evento a partir de uma generalização ou de uma particularidade. A capacidade de perceber um todo a partir das partes.

A Internet como ferramenta educacional

O ensino realiza-se pela aprendizagem, mas não o contrário. No conceito de ensino está incluída a aprendizagem. Ensino sem a aprendizagem não é educação, é um absurdo. E este é o absurdo de base que continua a mover o sistema educativo. O ensino, em determinado momento, passou a cobrar autonomia no que diz respeito à aprendizagem: criou os próprios métodos, é dado por "ensinado" na medida em que o programa estiver concluído, o horário com a turma foi cumprido, e não na medida em que os alunos aprendem de forma eficaz.

As TIC estão cada vez mais presentes e generalizadas nos processos de ensino-aprendizagem. Isto implica que devem ser usadas e não apenas ensinadas pelos professores. As TIC são, simultaneamente, objeto de estudo e ferramentas cognitivas e de trabalho nos processos de aprendizagem e formação de alunos e professores. A Internet é uma ferramenta essencial para os investigadores nas universidades, mas os professores utilizam-na pouco como recurso instrucional para a aprendizagem do aluno.

Hoje em dia, não é possível a aprendizagem sem a Internet, mas temos que abandonar muitos preconceitos para usá-la com inteligência, exige-se uma mudança de atitudes em relação ao conhecimento que já está disponível online, é necessário saber procurá-lo e aprender a interagir com pessoas que produzem esse conhecimento.

Ou seja, a Internet está provocando novas atitudes e mudanças entre os atores do processo educativo. Dentro deste novo paradigma de ensino e aprendizagem podemos observar que existe uma fluidez de papéis. Neste modelo, os alunos podem ser professores dos seus pais e os professores focam-se a ser guias para os seus alunos, tanto os alunos como os professores assumem papéis de avaliadores da informação e o trabalho em equipa revela-se essencial.

Torna-se cada vez mais evidente a necessidade de fazer uma avaliação das informações obtidas através da Internet, pois nem sempre os parâmetros de quantidade, velocidade e variedade são suficientes para avaliar as informações contidas nos sites. Talvez uma boa abordagem, um bom critério, seria relacionar a qualidade e pertinência das informações

adquiridas com a obtenção de um ótimo desempenho dos planos e programas de estudo que se está a desenvolver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alexander, J. & Tate, M. (1996). Teaching Critical Evaluation Skills for World Wide Web Resources. In *Computers in Libraries*, 16, 10, (pp. 49-55). Consultado a 28 de Maio de 2009 através de <http://umuc.edu/library/guides/Web.shtml>

Beck, U. (1999). *O que é Globalização? equívocos do globalismo: respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra.

Castells, M. (2007a). *A Sociedade em Rede (Volume 1)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Ellsworth, J. (1994). *Education in the Internet: A hands-on book of ideas, resources, projects and advice*. Indianapolis: Sams Publishing.

Giddens, A. (2005). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Presença.

Jameson, F. (1997). *Postmodernism or, the cultural logic of late capitalism*. Durham : Duke University Press.

Papert, S. (1993). *The Children's Machine: Rethinking school in the age of the computer*. New York: Basic Books.

Papert, S. (1997). *A família em rede*. Lisboa: Relógio d'Água, Editores.

Postman, N. (2002). *O fim da educação: Redefinindo o valor da escola*. Lisboa: Relógio D'água.

Rheingold, H. (2002). *Smart mobs: the next social revolution*. Cambridge, MA: Basic Books.

UNESCO (1998). *Declaração mundial sobre educação superior no século XXI: Visão e acção*. Paris: Unesco. Consultado a 18 de Dezembro de 2010 através de http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030620161930/20030623111830/.

Vygotsky, L. (2000). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.